



**Alunos do Colégio de S. Miguel
“invadem” novo Carmelo**

**Francisco Marto:
centenário do seu nascimento**

Alunos do Colégio de S. Miguel "Invadem" novo Carmelo



A inauguração do novo Carmelo de arquitectura moderna, no dia 20 de Fevereiro (festa litúrgica dos beatos Jacinta e Francisco Marto), e o recente estudo da unidade temática "Vocações e Profissões" da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica motivaram a reportagem e a visita de estudo ao Carmelo de São José, na cidade de Fátima, dos alunos do 9ºD, do Colégio de S. Miguel, no dia 16 de Março, pelas 10h30.

Éramos 28 alunos acompanhados pela docente directora da Stella em parceria com a professora de Língua Portuguesa, Ilda Santos. O dia estava primaveril, de sol radiante, convidativo para sair e fazer novas descobertas fora dos limites da sala de aula. Cheios de curiosidade incoerente ansiosos por desmistificarmos o mundo da vida em clausura, descermos galopantes a colina do Outeiro de S. Miguel, onde se situa o nosso Colégio.

O primeiro impacto, que nos

surpreendeu muito para além do que pudésemos imaginar, aconteceu logo à entrada, quando a Ir. Ana de Santa Maria - Médica e ex-servita de Nossa Senhora, no Santuário de Fátima - nos recebeu, com um sorriso cordial de extrema simpatia e com palavras amáveis de elegante cortesia.

De imediato, encaminhámo-nos para o locutório e, momentos depois, abriu-se uma porta, e deparamo-nos, por entre as grades, com duas irmãs a transbordar de jovialidade que logo nos cum-

primentaram atavelmente e nos puseram em pleno à-vontade. Eram a Superiora, Maria Cristina de São José - natural de Almada, Psicóloga, que trabalhou com toxicod dependentes e entrou para o Carmelo com 25 anos, há 19 anos - e a noviça Carla - formada em Gestão, que entrou há 4 anos, com 28 anos, trabalhou numa agência de publicidade e gostava marketing.

Embora nos sentíssemos em casa própria, foi a Ir. Carla que deu o pontapé de arranque: "Então, o que é que pensam das irmãs, que

ideia fazem sobre a nossa vida, vivida em clausura?"

A Geany, com a espontaneidade que a caracteriza respondeu de imediato: "Nós pensamos que as irmãs ficam aqui fechadas, sempre a rezar... é basicamente isso".

Num salto para a história, a Joana Guerreiro quis saber as origens das Ordens Carmelitas, ao que as irmãs alternadamente responderam:

"A Ordem do Carmelo é das mais antigas na igreja. Surgiu no princípio do séc. XII, 1209 é a data mais provável da nossa regra, e chama-se Carmelo em referência ao Monte Carmelo, da Terra Santa, onde viveu o profeta Elias como eremita. Já depois de Cristo, houve muitos cruzados europeus que iam libertar a Terra Santa dos muçulmanos e que ficavam por lá a verem a vida espiritual que os eremitas levavam. No início do Séc. XIII, o bispo de Jerusalém, Stº Alberto, deu-lhes uma regra para eles se organizarem.

Na segunda metade do séc. XIII, os muçulmanos invadiram a Terra Santa e expulsaram de lá os cristãos. Muitos Carmelitas foram martirizados, outros vieram para a Europa. Em 1251, N.º S.º do Carmelo apareceu a Simão Stock e entregou-lhe o escapulário, símbolo da sua protecção. Nesta altura, a ordem era apenas masculina. O Carmelo feminino só foi fundado em 1430 por João Soret (belga). Como a Europa foi assolada pela peste, morreu muita gente, e as ordens religiosas tiveram que fazer uma mitigação na sua regra porque as irmãs não aguentavam tanto jejum e penitência, o que veio mais tarde a degenerar num certo relaxamento. No séc. XVI, o Espírito Santo suscitou para a igreja reformadores e entre eles surge Stª Teresa de Ávila, a grande reformadora dos Carmelos femininos da qual nós descendemos. Somos actualmente cerca de 20 mil, espalhadas por todo o mundo".

A Joana interrompeu para indagar a origem do Carmelo de S. José, em Fátima.

A Ir. Superiora, recorrendo às reminiscências da sua lúcida memória, contou: "Esta fundação é belga, mais propriamente de Erantado, da parte flamenga. Era um Carmelo florescente com muitas irmãs, e foi-lhe pedido para formarem uma nova fundação.

As aparições de Fátima tinham sido registadas em 1930, pelo Bispo D. José Alves Correia da Silva e foi ele que pediu o Carmelo para Fátima. As irmãs vieram para aqui em 1933, ficaram alojadas numa casinha a que chamavam "abrigo", enquanto o Carmelo estava a ser construído. Ficou concluído em 1936, e elas passaram a habitá-lo. Depois começaram a surgir muitas vocações portuguesas: inicialmente, eram aqui desta zona de Fátima, de Minde, da Moita, Turquel, enfim, de muitos sítios. A nossa Ordem foi a primeira feminina a vir para Fátima".

A Geany, com a sua perspicácia

indegativa, lançou a questão da relação da vidente Ir. Lúcia de Jesus com o Carmelo de Fátima:

A resposta da Ir. Clara não se fez esperar: "Embora a Irmã Lúcia pertença à nossa Ordem, os Carmelos são independentes. Ela esteve aqui de passagem cinco vezes: sempre que o Papa vinha, ela vinha também. A primeira vez foi em 1967, depois foi em 1981, em 1991, e a última em 2000.

Também esteve cá de 3 a 17 de Agosto de 1981 para dirigir um trabalho pictórico sobre Nossa Senhora. Nessas alturas, ao recreio, ela não falava com as irmãs sobre as aparições, mas do seu tempo de pastorinha. Ela cantava muito, era muito alegre! Então, uma irmã lembrou-se de gravar esses cânticos que são um precioso documento que temos aí à venda em CD.

Embora ela gostasse de residir aqui, no Carmelo de Fátima, não era viável; passava a ser a peregrinação ao Santuário e simultaneamente ao Carmelo. Quando ela estava cá, era um corrúpio de gente para aqui que nunca mais acabava. Estávamos na missa e as pessoas agarravam-se às grades porque queriam ver a Ir. Lúcia, era impossível! Nem ela conseguia viver, nem as irmãs Carmelitas."

A Joana Guerreiro prosseguiu: Eu só gostava saber como é que subsistem economicamente.

"Nós temos um voto de pobreza, e as nossas fontes de rendimento são, basicamente, os doativos que nos dão; as pessoas das irmãs mais velhinhas e alguns trabalhos que fazemos. Estamos expostos aí à entrada: não se trata propriamente de uma loja de vendas, as pessoas dão um bocadinho daquilo que acham que devem dar".

A Irês Santos interfeiu com convicção: Quando falam em clausura, o que estão a dizer em termos práticos e concretos? A Ir. Superiora esclareceu: "Como vocês estão a ver, não estamos propriamente

fechadas. Eu costumo dizer que a chave está por dentro! (risos) E ninguém está aqui preso! As grades só servem para permitir que nós tenhamos liberdade, ou seja, que nós tenhamos o ambiente aqui dentro que pretendemos, porque seria impossível viver cá dentro sem recolhimento, sem uma certa disciplina, sem um horário e se não houvesse alguma contenção nas visitas, nas pessoas que entram, era impossível. Nós queremos rezar, estamos aqui, não por nós mas por vós, pelo mundo inteiro e de maneira muito particular para rezar pelos sacerdotes, por isso precisamos de um clima minimamente propício à oração e ao recolhimento, durante o dia e dos tempos fortes de oração. Por isso, as grades permitem, no fundo, um certo habitat de que nós necessitamos, sabem o que quero dizer? Ajudam a nossa liberdade. Não vemos televisão porque não queremos, e quando queremos vemos, percebem? Mas somos nós que orientamos isso consoante queremos. A liberdade é que permite que nós façamos aquilo que queremos, porque se nós não pormos travões na nossa vida, acabamos por fazer aquilo que não queremos. Isto parece um bocadinho contraditório com aquilo que lá fora vocês costumam ouvir, mas não é. Nós só somos livres na medida em que podemos escolher. Se vocês não sabem o que querem, acabam por querer aquilo que a publicidade vos projecta; acabam por querer aquilo que parece ser melhor aos olhos das outras pessoas e não aos vossos olhos; acabam por viver condicionados pelos outros e não pelas vossas convicções pessoais.

A verdadeira liberdade é eu dizer: Eu acho que isto é bom e vou levar isto até ao fim; e isto exige que a pessoa seja capaz de escolher e dizer: até às 11h vejo televisão, depois das 11h não vejo, e sou capaz, com o meu dedo, de chegar ao interruptor da te-

levisão e desligá-lo. Mas para saber escolher é preciso muita força de vontade. Se não a tivermos, nunca vamos ser livres, vamos ser sempre escravos das escolhas do mundo. Entendem o que eu quis dizer?"

A Ir. Novica, em tom conclusivo, acrescentou: "É ter essa consciência do que é verdadeiramente bom para mim e não apenas o que me apetece ou gosto".

A Ana e a Andreia, encantadas com o novo convento de arquitectura moderna ao jeito do século XXI, perguntaram: Que motivos as levaram a construir este moderno Carmelo?

A Ir. Cristina, fixando-as atentemente, respondeu: "A falta de condições e a degradação do antigo edifício que, nos anos 30, não foi construído com os materiais resistentes como hoje, mas de pedra, barro e cal. Ainda pensamos restaurá-lo, mas o engenheiro disse, peremptoriamente: 'Façam uma casa de raiz porque não têm outra solução'. Caiu-nos o coração aos pés, porque toda a nossa vida foi passada naquele Carmelo e sempre pensamos conseguir restaurá-lo, mas foi de todo impossível! Decidimos então construir este novo. Em termos de arquitectura, no essencial, o novo Carmelo remete para Stª Teresa de Ávila, ela tinha ideias claras, sabia o que queria no aspecto funcional porque, em 20 anos, fundou 17 carmelos, sabia claramente o que era construir casas. Ela queria casas pequenas e o mais simples possível, com capelas médias para atrair as pessoas às nossas liturgias e o resto da casa é feito em função da sobrevivência das irmãs. A casa tem de estar perfeitamente desenhada e funcional com pequenas celas: a cela de uma carmelita tem apenas uma cama, uma mesa e uma cadeira, não necessita de muito espaço.

Neste Carmelo, no primeiro andar temos 23 celas, um corre-

dor que confronta com as mesmas, o noviciado e um claustro. No rés-do-chão, tem o refeitório e a sala de recreio. O Carmelo é como uma cidadezinha, tem tudo porque nós estamos aqui sempre: tem cozinha, locutórios, capela, sacristia e enfermaria, que é uma coisa que habitualmente as pessoas não têm em suas casas. Há exigências num Carmelo que uma pessoa lá fora não tem, porque vão a um hospital. Nós temos as irmãs velhinhas que estão acamadas e precisamos de uma enfermaria. Temos o noviciado, onde as irmãs mais novas têm uma sala de aulas, o gabinete da Madre, uma parte destinada aos computadores, a sala das reuniões, a capela, duas sacristias, a interna e a de fora, porque há a questão da clausura, etc.

A casa tem também muita luz, uma horta grande com comunicação para a natureza, porque é o nosso mundo, eu costumo dizer que os Estados Unidos ficam no final do mundo, na nossa cerca. Mais alguma coisa?" Sim. Encontraram dificuldades na arquitectura da construção da obra?

"Não, a arquitecta era muito querida, fez-se muito a nós, foi um trabalho muito bom de equipa. No início, a única coisa que nós queríamos eram uns arquitectos, mas a arquitectura de hoje é de linhas direitas: é o estilo da verdade. Temos que ir à verdade das coisas..."

A Mariana, perplexa com os escassos recursos das irmãs, atirou com a questão económica:

"É assim: nós tínhamos recebido heranças de algumas irmãs; tínhamos também vendido uma parte do nosso terreno e esse dinheiro ajudou a custear, não a totalidade, mas uma boa parte do novo Carmelo. Outra parte de donativos dos nossos benfeitores porque a Ir. Carla fez uma apresentação das nossas necessidades, num trabalho de marketing na Internet e através do correio electrónico.

Sobre os nossos benfeitores, não vou nomear ninguém porque as pessoas pedem sigilo e muitos donativos são efectuados por transferências bancárias e outros são de pessoas anónimas. Mas há coisas muito bonitas... por exp.: uma rapariga do Norte que estava para casar e descobriu que o namorado tinha uma doença grave, do foro psicológico, e reconheceram que era melhor não casar. Ela tinha muito dinheiro e ouviu falar da nossa obra e deu-nos bastante dinheiro... Outra situação interessante: Tínhamos na cave, há 40 anos guardados sem saber o que lhes havíamos de fazer, dois

dia a Ir. Rosário disse: «O Ir. está lá fora uma senhora que quer dar um donativo». Vim aqui ao locutório, era uma senhora alemã que me entregou um envelope com notas, e eu abri-o sem precisar a quantia. Subi para passar um certificado de entrega à senhora para ela poder confirmar o donativo junto dos amigos e qual não foi o meu espanto, era quase o dinheiro necessário para pagar o concerto dos sinos! Apenas faltavam cento e poucos euros, e nesse mesmo momento estava a celebrar-se, na nossa capela, uma missa de americanos que deram os restantes euros. Nós, realmente, sentimos aqui-

tecta podia ter feito daqui um edifício tipo caixote... mas ela deu-lhe umas voltinhas e conseguiu, realmente, um edifício harmonioso. Agora, o ser bonito não quer dizer necessariamente que seja mais caro. Todos os materiais foram das nossas opções, porque as irmãs responsáveis do conselho trabalharam sempre em equipa com os engenheiros e com a arquitecta, por isso foi tudo bem pensado e aprovado. Os materiais escolhidos foram dos médios, alguns oferecidos. A tinta foi toda oferecida. A construção não tem madeira porque é caríssima. Só há madeira no coro e na capela, o lugar nobre



sinos que uma Ir. tinha trazido do espólio de um Carmelo francês extinto, e pensamos restaurá-los e juntar-lhes mais dois da casa antiga para simbolicamente colocar na torre. Eles não afinam lá muito bem uns com os outros, só dão para fazer o «Requie festivo», mas colocamos os quatro na nova torre da capela. O arranjo levou cabeçalhos em madeira e ficaram muito lindos, mas dispendiosos. Quando vieram entregá-los, trouxeram também a factura e eu pensei «Pronto, ali Meu Deus». O certo é que no mesmo

lo como um miminho de Jesus. Toda a história desta casa tem sido uma Providência constante, as coisas acontecem umas atrás das outras. A obra é de El! Há inúmeras coisas que eu não posso contar... só no Céu!"

O Paulo prossegue: Ouvem-se ecos da aparente euberância do edifício...

"A Ir. Superiora esclarece: eu acho que é muito simples, é de linhas direitas. A arquitecta conseguiu com grande simplicidade encontrar uma harmonia bela para o edifício. Ou seja, a arqui-

ta casa. É tudo tipo flutuante, o chilo é do mais barato. As paredes são todas em pladur, que tem menos mão-de-obra porque não é preciso estar a pôr tijolos, é só montar as placas, ou seja, não optimos por material topo de gama, mas também não optimos por coisas que se estragasse facilmente. Por exemplo, as janelas têm vidro duplo, mas não têm corte térmico. É o mínimo! O mínimo sensato. Os painéis são termomodulantes por uma questão económica.

O João inesperadamente inter-

veio: Falem-nos sobre a história da vossa vocação. (risada geral)

A Ir. Cristina, com um olhar de clínica psicóloga, respondeu: Só aos 22 anos é que comecei a pensar ser freira, mas nunca me passou pela cabeça ser contemplativa, era a última coisa que eu escolheria (risos). Estava a fazer o curso de psicologia que gostava muito e que tinha escolhido desde os meus 13 anos. Tudo corria bem, mas quando cheguei ao 2º ano tive uma crise de falta de sentido existencial: comecei a reflectir na precariedade das coisas e fui caindo na realidade e penso que, nessa altura, Deus também

pensar na minha vida toda... mas já vão ver onde quero chegar: depois, reformava-me e pensava no que iria ser toda a minha vida? Comecei a ver as coisas muito realisticamente e foi esta realidade que me fez pensar: eu reformo-me, o meu marido reforma-se, os meus filhos casam-se, eu e o meu marido ficamos sozinhos, depois damos umas voltas pelo estrangeiro, temos uns bons livros, fazemos uns bons amigos, etc, depois continuamos a envelhecer, o meu marido morre, (normalmente, os maridos morrem sempre primeiro (risos), não é? depois eu fico uns aninhos viúva, e depois morro eu,

a entrar na minha vida. Entretanto, também não moro, o que é normal, era um rapaz muito bom e também era católico. Ele ofereceu-me um livro sobre um casal americano que fazia apostolado junto dos toxicod dependentes e marginais e contava como Deus ia aparecendo na vida deles... Aquele livro despertou-me para uma noção de um Deus próximo, que está sempre connosco... e as duas desilustrações aconteceram simultaneamente e eu comecei a pensar que afinal Jesus é muito diferente daquilo que eu pensava! Jesus está connosco, não está lá em cima... e pouco a pouco fui

Ir. Carla sorridente disse: "A minha história foi muito diferente. Foi baptizada, andei na catequese. A minha família era cristã, a minha mãe queria que eu continuasse na catequese, que eu fizesse o crisma. Eu não tinha muito interesse, mas fui. No dia em que fiz o crisma, cheguei a casa e disse à minha mãe: pronto, já fui crismada, agora nunca mais volto lá e, só lá à missa nos casamentos. Foi crescendo e punha as minhas dúvidas, mas será que Deus existe? Mas ficou-me qualquer coisa da catequese, um certo fascínio pela pessoa de Jesus.

A pessoa de Jesus sempre me atraiu na literatura que lia e nos filmes que via, mas em relação à Igreja, em geral, eu punha as minhas dúvidas. Sou filha única, gostava muito de estar sozinha, de meditar; pensava muito na vida, era assim uma pessoa um bocadinho séria. Já trabalhava e nada me faltava, mas comecei a pensar: daqui a dez anos o que estarei a fazer? Era uma questão de sentido existencial. Em 2000, no grande Jubileu, uma colega propôs-me fazer um retiro, e foi nesse silêncio, naquele exercício espiritual que fiz aquele clic! Quer dizer: encontrei Jesus, voltei a comungar e a fazer o processo de confissão. Integrei-me num grupo de jovens e 2 anos depois viemos a Fátima, fiz uma visita ao Carmelo que não conhecia. Éramos

podia conhecer muitos países do mundo, isso não chegava, e pronto, decidi".

A Ir. Inês indagativa pediu informações sobre os requisitos de ingresso no Carmelo, ao que a Ir. Superiora esclareceu: "Quando uma candidata entra, tem um tempo de preparação que pode durar 6 meses a um ano, chama-se postulante, ainda não veste o hábito de carmelita, mas as suas roupas normais. Depois é a tomada de hábito, ficamos com o véuzinho branco, um bocadinho diferente das outras irmãs e esse tempo dura 2 anos e chama-se noviciado. Depois faz-se os três votos que são: Pobreza, Castidade e Obediência e após 3 anos, faz-se a renovação dos votos e depois os votos solenes..."

A Helena interviu: Gostaria de saber se aconselha esta forma de vida?

"Olha, Heleninha (risos) o que nós aconselhamos é que cada uma de vocês descubra o caminho que Deus tem para vós. Às vezes pensamos que nós é que

"...não pensem que qualquer decisão que tomem na vossa vida, só tem rosas: até as rosas trazem sempre espinhos"

temos a chave da nossa felicidade, mas não somos nós, é Jesus que a tem, e só fazendo aquilo que Ele quer, é que somos verdadeiramente felizes. Eu dizia muitas vezes quando estava à procura da minha vocação: ó Jesus, que eu faça a Tua vontade e nunca a minha: pelo Teu amor, não quero fazer a minha vontade, porque senão, eu vou-me estampar (risos), quer dizer: eu vou fazer de certeza asneira e não vou ser feliz. Mostra-me a Tua vontade. E Ele mostra mesmo. Este género de oração é sempre atendida. Claro que não no-la vai dizer ao

ouvido, mas vai-nos mostrando a maneira de lá chegar.

Continuam as questões: Tem dificuldades? "Sim, claro, qualquer vida, mesmo no casamento, tem momentos de dificuldade, quer dizer: há momentos em que as pessoas têm as suas discussões, tem os seus altos e baixos, em qualquer vida isso é normal. Nós não estamos sempre felizes, mas é normal. Ao tomar uma decisão a pessoa sabe que vai ter dificuldades. Vocês não pensem que qualquer decisão que tomem na vossa vida, só tem rosas: até as rosas trazem sempre espinhos. Não há vida sem cruz, isto é assim mesmo. Se estiverem numa empresa, são os benditos dos clientes que, às vezes não pagam; se vão para um escritório, é a colega do lado que é capaz de ter dias que não é nada simpática; outras vezes é o marido que está com os seus altos e baixos e a mulher também os tem. Quer dizer: há cruz em todo o lado, o importante é a pessoa perceber que, se Jesus me trouxe para aqui, me vai ajudar com a Sua graça até ao fim."

O Leandro quis saber se os familiares e os amigos interferiram nas suas opções tão radicais. A resposta foi acolhida com risos abertos e prosequiram: "Não se opuseram embora se mostrassem contrariados. A pergunta é muito pertinente mas, de facto, a vocação é nossa e às vezes torna-se muito complicado para os nossos amigos e familiares perceberem a nossa vocação. Quanto à família, ela visita-nos todos os meses. De resto, o chamamento é nosso e é tão forte, tão forte, que não dá para resistir ou fugir. Pedimos desculpa, mas já estamos atrasadas, temos de ir. Adeus, obrigada."

Mas a pergunta mágica, imprevisível, que todos queríamos fazer - São Felizes? - ficou na manga, porque desnecessária, pois os seus rostos extravasavam-na à simplicidade de modo evidente e inqueridor, que registámos e jamais poderemos esquecer!



Foi este o quadro pintado segundo orientações dadas pela irmã Lúcia de Jesus

se meteu comigo... Comecei a pensar na minha vida toda organizada, e imaginei: agora estou a fazer o curso, lá para o 3º, 4º ano tenho que arranjar um namorado (risos), para depois quando acabar o curso casar (risos), depois caso. Tenho aí quê... eu gostava de ter muitos filhos, portanto bastantes, uns 2, 3, 4, depois talvez estudar mais um bocadinho para tirar o mestrado, entretanto, os meus filhos iam crescendo, o meu marido seria assim uma pessoa interessante (risos), é verdade, depois continuaria a fazer a minha vida, entretanto, havia de me reformar (risos). Comecei a

e depois o que é que ficou disto tudo?

Os filhos! disse de imediato o Bruno.

Sem dúvida, e para mim, o que ficou? E eu fiquei a sentir uma certa desilusão, um certo vazio, havia qualquer coisa que me estava a faltar, e nessa altura, ainda não pensava em Deus: eu era católica, lá à missa todos os domingos, lá à catequese a essas coisas todas, mas nessa altura, até já nem tinha propriamente uma implantação na paróquia: lá só praticamente à missa ao domingo, e pouco mais. Comecei a pensar muito seriamente em Jesus e Ele começou

criando em mim uma sede de me relacionar mais com Ele, de rezar mais... mas ainda não pensava ser freira. Mais tarde é que comecei a pôr a possibilidade da vocação religiosa. Entretanto, caí-me nas mãos um livro de Isabel da Trindade que gostei imenso, e pensei: é isto mesmo que eu quero!... Quis conhecer o Carmelo, e pronto, vim. Cairam-me as ideias pré-concebidas do consciente colectivo: das grades, de uma certa penúria, das pessoas tristes, das casas cheias de telas de aranha que um consciente fantasmagórico constrói; e pronto, o caminho foi longo..."